

**MAIO , 11**

## **MAIO AMORES**

**Paulo Timm** – Especial A FOLHA, Torres RS – 11 MAIO

[http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/180511082605MILONGAS\\_\(1\).pdf](http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/180511082605MILONGAS_(1).pdf)

A sabedoria popular fala muito sobre as "coisas". "Coisar", aliás, já virou motivo de Poesia e Romance, talvez, até, letra de alguma música popular. Daí os ditos como "Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa", ou "Primeiro, as coisas primeiro", muito ao gosto dos ingleses, ou, ainda, "Cada coisa no seu lugar". Neste amplo sentido, coisa pode ser... qualquer coisa: um objeto, um artefato, um homem, mulher ou criança, um sentimento, um partido político, uma instituição pública ou privada, a conjuntura, os dias, as horas, os meses do ano, até transar. Aliás, falando em mês do ano, depois que sobrevivemos ao abril, "o mais cruel dos meses", estamos navegando o mais sublime deles: Maio.

Maio, antigamente, era o mês das noivas. Para mim, doces recordações de lençóis de percal, linho e cretone cuidadosamente bordados em linha de seda, sobre desenhos em "transmissor" que eu próprio me cansei de traçar. Minha mãe vinha de uma tradicional família italiana, de Santa Maria, cuja matriarca era Dona Romilda, filha de Giuseppa Filizola, que administrava um tradicional negócio de enxovais. Em maio choviam noivas do Rio e São Paulo para escolher as peças que fariam o ornamento dos novos lares. Hoje, maio é o mês do Dia das Mães, a data mais festejada – alegria dos shoppings - , entre nós, brasileiros, depois do Natal. Mantém sua tradição como um mês com gosto de amores: Ontem laços conjugais carregados de erotismo e promessas de lua cheia, hoje o abraço das famílias constituídas, mesa posta no domingo ensolarado, renovação de afetos incondicionais. Continuamos celebrando o amor. Não só celebrando, mas tentando, cada vez mais compreendê-lo em seus enigmas e imbricações. Revelando-o. Pois já não nos basta sentir os mistérios das afinidades eletivas, às quais Goethe consagrou uma obra já clássica. Queremos saber melhor seu lugar na alma humana, para aquém e além do amor romântico do par perfeito, o que, aliás, os gregos também faziam:

*"Roman Krznaric, por exemplo, volta à Grécia Antiga para encontrar pelos menos seis formas de amar: Eros, o amor sexual; Phila, o amor amizade; ludus, o carinho lúdico entre crianças ou amantes casuais; pragma, o amor maduro e o profundo conhecimento que se desenvolvem em relações duradouras; ágape, o amor altruísta estendido a todos os seres humanos, oferecidos incondicionalmente e sem expectativa de reciprocidade; e Philautia, ou o amor-próprio, que pode ser tanto negativo, manifestadas como ganância e narcisismo (depois do mito de Narciso), quanto positivo, como um alargamento nutritivo da nossa capacidade de todo o amor, a partir de dentro.*

**W.Nickelen** - [Amor? Que História é essa?](#) 2014

Os afetos invadiram também a Filosofia. Spinoza, no século XVII, incorporou-o definitivamente às suas reflexões, enaltecendo-o sob o arco da alegria de viver. Freud, fundador da Psicanálise, reabilitou-os como fermento das ações humanas. “(Ele) sabe que o amor não é apenas o nome que damos a uma escolha afetiva de objeto. Ele é a base dos processos de formação da identidade subjetiva a partir da transformação de elementos libidinais em identificações”. Desde então, os afetos se constituem num elemento central para a compreensão da vida em sociedade. O século XX, trouxe à tona a importância dos afetos na instituição da sociedade, os quais articulados à libido e à identificação operam como aporia, enigma e fábula para além do narcisismo. O século XXI, com a Neurociência tenta dar-lhe uma fundamentação mais orgânica, como resultado de complexas interações neurais. Nisso descobre o que os poetas já sabiam desde a antiguidade: o amor é um estado de espírito descolado de qualquer juízo, muito similar a outras modalidades de distúrbio de consciência. Mas, independente das ciências, com seu escrutínio desapassionado, o amor, em suas várias dimensões permanecerá sempre como um enigma, título, aliás de um dos mais belos livros de Artur da Távola e que tive a oportunidade de converter em prosa poética com vistas a torná-lo mais acessível- [http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20Do%20Timm/180511082605MILONGAS \(1\).pdf](http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20Do%20Timm/180511082605MILONGAS%20(1).pdf) A quebra “coisa” que não só move o mundo mas que é também capaz de salvá-lo.

*Um estado de graça chamado amor*

*(...)Todo mundo sabe o que é isso. O fogo que arde sem se ver, a ferida que dói e não se sente (Camões), o sentimento que move o sol, como as estrelas (Dante), a força obscura e potente que dissolve membros (Safo) ou amor é dado de graça, é semeado no vento, na cachoeira, no eclipse. Amor foge a dicionários e a regulamentos vários (Drummond). É o amor, louco, delicioso, tolo, embriagante, o princípio unificador do cosmo, segundo os filósofos gregos, motor de todos os poetas, êxtase celestial e doce tormento de todos os apaixonados (...)*

(Blogdogutemberg.com - 2008)

Ah, o amor...A mais bela de todas as “coisas”, seja líquido, imaginário ou simbólico, seja maternal, carnal ou espiritual, seja de ontem ou de hoje, seja sempre louvado e bem vindo. Dostoiévski achava que só a beleza salvaria a humanidade. Concordo com ele, desde que essa tal de beleza atenda pelo nome de amor.